

QUEM SÃO AS BESTAS?

WHO ARE THE BEASTS?

Fátima Martín Gómez de Carvalho

Departamento de Comunicación Audiovisual y Publicidad, Universidad de Valladolid, Segovia, Espanha

Sorogoyen, R. (Diretor). (2022). *As bestas* [Filme]. Arcadia Motion Pictures; Caballo Films; Cronos Entertainment; Le Pacte.

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros/Onde que quer que estejamos./Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros/Onde que quer que moremos. —Fernando Pessoa, *Odas a Ricardo Reis*

O provérbio “A vaca, non onde nace, senón onde pace” (a vaca não é de onde nasce, mas de onde pasta) figura com diversas versões e diferentes línguas na literatura e na cultura popular de toda a Península Ibérica, desde *Don Quijote* (Dom Quixote; Cervantes, 1605–1615/2003) da Mancha até *La Lozana Andaluza* (A Louçana Andaluza; Delicado, 1528/2004), passando pelo *Refraneiro Gallego da Vaca* (Rifoneiro Galego da Vaca; Benavente & Ferro, 1995) e o *Rifoneiro Português* (Chaves, 1928). Este provérbio resume o *modus vivendi* dos protagonistas do filme *As Bestas* (2022), um *western* rural intenso dirigido por Rodrigo Sorogoyen. Passado na Galiza profunda, o filme explora temas intemporais e contemporâneos, como a pertença, a globalização e a relação do ser humano com a terra, incluindo os animais, as plantas e o ambiente.

Os temas rurais têm sido uma constante na cinematografia da Península Ibérica. Em Espanha, já na época do cinema mudo, esses temas foram retratados, começando pela Galiza, com *Carmiña, Flor de Galicia* (Carmiña, Flor da Galiza; Rino Lupo, 1926). O cinema rural espanhol oferece vários exemplos, desde a bestialidade até à sátira, como *Las Hurdes, Tierra Sin Pan* (Las Hurdes, Terra Sem Pão; Luis Buñuel, 1933), *¡Bienvenido Mister Marshall!* (Bem-vindo, Mr. Marshall!; Luis García Berlanga, 1953), *Furtivos* (José Luis Borau, 1975), *Los Santos Inocentes* (Os Santos Inocentes; Mario Camus, 1984), e *Amanece, Que No Es Poco* (Amanhece, Que Não É Pouco; José Luis Cuerda, 1989).

Nos últimos anos, especialmente após a pandemia, vários filmes direcionaram o seu olhar para o mundo rural. Muitos destes projetos são realizados por mulheres e apresentam atrizes em papéis principais. Esta presença feminina é significativa, ao introduzir uma nova forma de representar a ruralidade, evidenciando uma diversidade de géneros, sotaques, paisagens e sensibilidades. No contexto espanhol, destacam-se filmes como *Alcarràs* (Carla Simón, 2022), que, assim como *As Bestas*, reflete os novos desafios que o campo enfrenta no século XXI, tendo conquistado o Urso de Ouro em Berlim. Outros exemplos incluem *Cinco Lobitos* (Cinco Lobinhos; Alauda Ruiz de Azúa, 2022), *Cerdita* (Porquinha; Carlota Pereda, 2022), *El Agua* (A Água; Elena López Riera, 2022) e o mais recente, *O Corno* (Jaione Camborda, 2023), um filme de fronteira que explora as rotas de contrabando entre

a Galiza e Portugal. Também galegos são *Lo que Arde* (O que Arde; Óliver Laxe, 2019) e o documentário *Tatuado nos Olhos Levamos o Pouso* (Tatuado nos Olhos Levamos o Pouso; Diana Toucedo, 2022), que aborda as redes de afetos das mariscadoras.

No contexto de Portugal, foi o cineasta italiano Rino Lupo que, na década de 1920, realizou duas obras com um enquadramento rural: *Mulheres da Beira* (1921) e *Os Lobos* (1923). Nas décadas seguintes, Manoel de Oliveira, realizador do clássico *Aniki-Bobó* (1942), produziu um pequeno documentário intitulado *Douro, Faina Fluvial* (1931). Em 1942, José Leitão de Barros realizou o documentário *Ala-Arriba*, que aborda os costumes da comunidade piscatória da Póvoa de Varzim. A história do cinema português revela a importância do género documental na representação do mundo rural (Huidobro, 2018), com obras como *O Pão* (1959) e *Ato da Primavera* (1963), ambos de Oliveira, e *Mudar de Vida* (Paulo Rocha, 1966), um filme de ficção que se inspira no documentário. Também se destacam *Trás-os-Montes* (António Reis e Margarida Cordeiro, 1976) e o poético *O Movimento das Coisas* (Manuela Serra, 1985). Mais recentemente, o género documental continuou a sua evolução com títulos como *Terra que Marca* (Raul Domingues, 2022). No campo da ficção, destacam-se obras como *Farpões, Baldios* (Marta Mateus, 2017) e *Alma Viva* (Cristèle Alves Meira, 2022).

O cinema rural da Península Ibérica, terra com uma longa história de migrações, explora a sua própria identidade através de uma lente de autocrítica, orgulho, humor e nostalgia, nem sempre em relação a outras culturas. O filme em questão, *As Bestas*, reflete sobre a tradição, situando-a no contexto dos desafios externos que emergem num mundo globalizado. A migração, uma questão crucial, tem sido tradicionalmente abordada pelo cinema, sendo também considerada um problema de comunicação, conforme analisam diversos estudos científicos, como aqueles reunidos em *Estudios Sobre el Mensaje Periodístico* (Estudios Sobre a Mensagem Jornalística; Collado et al., 2023).

Desde o seu lançamento em 2022, *As Bestas* tem conquistado prémios em todo o mundo. Recebeu o Goya de Melhor Filme (somando um total de nove Goyas), o César de Melhor Filme Estrangeiro, o Prémio do Público de Melhor Filme Europeu no Festival de San Sebastián, e o prémio de Melhor Filme no Festival Internacional de Cinema de Tóquio, entre outros. Além dos galardões, a crítica internacional tem elogiado *As Bestas* sobretudo pelo seu género, “um thriller rural arrebatador” (Loayza, 2023, para. 1), segundo o *The New York Times*, e fazendo comparações a outros thrillers rurais, como *Straw Dogs* (Cães de Palha; Sam Peckinpah, 1971) e *Deliverance* (Fim de Semana Alucinante; John Boorman, 1972). Os argumentistas, Rodrigo Sorogoyen e Isabel Peña, admitem que essas obras os marcaram, destacando também a influência de cineastas como Michael Haneke, assim como de filmes como *Grizzly Man* (Homem Urso; Werner Herzog, 2005) e *45 Years* (45 Anos; Andrew Haigh, 2015).

O filme, que levou cerca de sete anos a concluir, inspira-se num acontecimento real noticiado na imprensa em 2015, na Galiza, uma região com a qual os argumentistas tinham ligações. Isabel Peña reconhece que se distanciaram dos acontecimentos reais, pois não desejavam criar uma narrativa sobre um crime verdadeiro, mas optaram por manter o cenário galego, que oferece paisagens selvagens, uma língua própria e um tipo

de humor singular. Durante a pesquisa para o guião, descobriram a *rapa das bestas*, uma tradição ancestral apresentada no início do filme que lhe dá o título e confere profundidade simbólica à história. Outro aspeto que chamou a atenção dos argumentistas foi o facto do holandês envolvido no caso real andar sempre com uma câmara, assim como o protagonista de *As Bestas*, um elemento muito metacinemático.

Um casal francês, Antoine e Olga, decide construir o seu projeto de vida numa aldeia galega. Dedicam-se ao cultivo de legumes biológicos para subsistir, uma atividade que complementam com o restauro altruísta de casas antigas, para que mais pessoas se possam estabelecer na região. No entanto, o que poderia ser uma vida tranquila no campo é perturbada pelos seus vizinhos, os irmãos Xan e Loren, que demonstram uma violenta animosidade sempre que se cruzam com o casal. Essa interação não está isenta de conotações xenófobas, evidenciadas pela expressão: “você não são daqui” (00:24:44). À medida que o filme avança, revela-se a razão subjacente para essa hostilidade. O facto de Antoine e Olga não quererem vender as suas terras para a construção de parques eólicos diminui as esperanças dos irmãos de conseguir fazer um bom negócio com a venda da sua pequena quinta de gado. A tensão entre eles aumenta até culminar no assassinato do francês.

O filme inicia-se com uma cena que retrata a *rapa das bestas*, uma tradição ancestral na qual os *aloitadores*, os domadores de cavalos, sobem às montanhas para reunir os cavalos selvagens, cortar-lhes as crinas (rapá-los), desparasitá-los e, em seguida, libertá-los novamente. Esta cena inicial, um plano-sequência em câmara lenta, ilustra o contacto físico entre o homem e o animal, mesclando-os cinética e visualmente ao ponto de se tornarem quase indistinguíveis. Oferece paralelos com uma cena posterior fundamental e permite-nos compreender plenamente, tanto literal como metaforicamente, a palavra que confere título e significado ao filme: *as bestas*.

“Bestas” é a palavra galega que designa os animais em geral e os cavalos selvagens em particular. Derivada do latim, a palavra *bestia* refere-se a um animal de quatro patas, a um animal doméstico de carga, a um monstro e até a uma pessoa rude e ignorante. Em latim, “besta” possui uma dupla aplicação: no latim literário, refere-se a animais terrestres de grande força e ferocidade, aos quais chamamos “animais selvagens”, enquanto no latim vulgar, designa todos os tipos de animais, tanto selvagens como domésticos, e também é usada para designar seres humanos brutos. Plauto, já no século III a.C., utilizava a expressão “besta má” para se referir a uma pessoa (Helena, 2018).

Quanto ao contexto de *As Bestas*, o filme é uma versão livre de acontecimentos reais que ocorreram numa aldeia galega na primeira década do século XXI, tendo também as turbinas eólicas como pano de fundo. Ao receber o Prémio Goya de Melhor Realizador, Rodrigo Sorogoyen afirmou:

os cavalos selvagens que aparecem no filme vivem em liberdade há séculos. São das montanhas de Sabucedo, na Galiza. E as pessoas de Sabucedo ensinaram-nos a amar a fauna e a flora, os animais, de uma forma que eu nunca tinha visto. Nessa região estão a ser planeados quatro parques

eólicos gigantesco, na verdade, que seriam um dano para a fauna e para a flora irreparável. Dou todo o meu apoio ao povo de Sabucedo na defesa dos cavalos e das suas montanhas. Energia eólica, sim, mas não assim. (RTVE, 2023, 00:02:57)

Alguns meses depois, em julho de 2023, essa reivindicação voltou a ser evidente quando, durante a celebração de uma *rapa das bestas* em Sabucedo, o bairro exibiu t-shirts e faixas contra os megaprojetos eólicos.

Esta desventura quixotesca do anti-herói da história, que se opõe às modernas turbinas eólicas, está repleta de planos semioticamente profundos, como aquele em que um pequeno Antoine se confronta com uma gigantesca turbina eólica, cujas hélices parecem lanças apontadas para ele. Além disso, surgem metáforas visuais, como a luta corpo a corpo com as bestas e a ruína física das casas que o francês tenta restaurar. É importante destacar o retrato psicológico profundo das personagens.

Embora o filme comece com uma forte presença masculina, quase agressiva, à medida que o enredo avança, o argumento de Isabel Peña confere cada vez mais importância à perspectiva feminina da história. A viúva Olga faz o seu luto à procura do corpo do seu falecido marido na montanha, de forma metódica e implacável, para esclarecer a verdade e obter justiça, bem como para defender e reclamar a terra que ama. A sua ligação com outra personagem feminina torna-se evidente quando visita a casa dos assassinos do marido, informa-os sobre a sua intenção de os prender e, em seguida, dirige-se à mãe deles, a sua vizinha galega: “ficarás sozinha, como eu” (02:04:43).

Com esta iniciativa, a protagonista feminina revela uma força, determinação e coragem que os seus antagonistas masculinos não possuem: “eles têm mais medo do que eu” (01:39:33). É nesse momento que compreendemos as motivações subjacentes que levam indivíduos violentos a nutrir ódio por aqueles que são diferentes, simplesmente por serem diferentes. O livro *Miedo* (Medo), de Patricia Simón (2022), estabelece conexões entre o medo irracional e o ódio visceral.

Como um raio de luz numa história atravessada por sombras, a coragem de Olga é louvável. Conforme as palavras da veterinária e escritora María Sánchez (2019) no seu ensaio *Tierra de Mujeres* (Terra de Mulheres), Olga é um símbolo da sensibilidade feminina há muito silenciada no meio rural. Representa a coragem, a generosidade e a capacidade de preservar harmoniosamente uma relação necessária entre tradição e modernidade, entre os seres humanos e o mundo natural. Porque a vaca, assim como outros animais, não é de onde nasce, mas de onde pasta.

Tradução: Anabela Delgado

REFERÊNCIAS

Benavente, P., & Ferro, X. (1995). *Refraneiro gallego da vaca*. Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias Ramón Piñeiro; Xunta de Galicia.

- Cervantes, M. de. (2003). *El ingenioso hidalgo Don Quijote de La Mancha*. Espasa Calpe. (Trabalho original publicado em 1605–1615)
- Chaves, P. (1928). *Rifoneiro português*. Imprensa Moderna.
- Collado, R., de Andrés, S., Martín, F., & Bezerra, R. M. (2024). Representación mediática de la migración. Mapas y análisis bibliométrico de la producción científica en torno al tema. *Estudios Sobre el Mensaje Periodístico*, 30(2), 411–423. <https://doi.org/10.5209/esmp.95389>
- Delicado, F. (2004). *La lozana andaluza*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. (Trabalho publicado em 1528)
- Helena. (2018, 2 de outubro). *Bestia*. Diccionario Etimológico Castellano en Línea. <https://etimologias.dechile.net/?bestia>
- Huidobro, S. (2018). Archipiélagos y soledades. Una genealogía del cine portugués. *Correspondencias Cine y Pensamiento*. <http://correspondenciascine.com/2018/03/archipiélagos-y-soledades-una-genealogia-del-cine-portugues/>
- Loayza, B. (2023, 27 de julho). ‘The Beasts’ review: Bad neighbors. *The New York Times*. <https://www.nytimes.com/2023/07/27/movies/the-beasts-review.html>
- RTVE. (2023, 12 de fevereiro). *RODRIGO SOROGOYEN, ganador del Goya a mejor dirección I Premios Goya 2023* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=NU6QquitYoA>
- Sánchez, M. (2019). *Tierra de mujeres*. Seix Barral.
- Simón, P. (2022). *Miedo: Viaje por un mundo que se resiste a ser gobernado por el odio*. Debate.

NOTA BIOGRÁFICA

Fátima Martín Gómez de Carvalho é licenciada em Ciências da Informação, com especialização em Jornalismo, pela Universidade Complutense de Madrid. Atualmente, é professora de Comunicação Audiovisual e Publicidade na Universidade de Valladolid. Trabalha, desde 2000, como jornalista online e é fundadora da plataforma digital <https://www.femeninorural.com>, projeto que continua a desenvolver.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1607-8246>

Email: fatima.martin@uva.es

Morada: Campus María Zambrano. Pl. de la Universidad, 1. 40005. Segovia (Espanha)

Submetido: 27/04/2024 | Aceite: 01/08/2024



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.